

²
E C L O G A B
T R A G I C O - P A S T O R I L
D E N O M I N A D A
A S L A G R I M A S D O S P A S T O R E S ,
O S
T E R N O S S U S P I R O S D E C O R A Ç Õ E S A F F L I C T O S
E X A L A D O S
N A A C E R B A M O R T E
D O S E U
G R A M P A S T O R .

ALLUDE-SE , DEMONSTRANDO EM PARTE , A GRANDE , E
sensível magoa , que contristou Portugal na infauſta tarde do dia 11
de Setembro de 1788 pela illimitavel perda da prezadiffima
vida do Sereníſſimo Senhor

D. J O Z É
FRINCIPE DO BRAZIL.

Por J. P. R. de C.

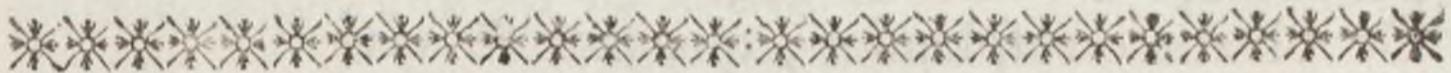


L I S B O A
N A O F F I C I N A D E A N T O N I O R O D R I G U E S G A L H A R D O .
Impressor do Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca.
A N N O M . D C C . L X X X V I I I .

Com licença da Real Meza da Comm. Geral sobre o Exame , e Cens. dos Livros.

*Pena negat pennam digitis tractare , papyrus
Irrigat , ex oculis qui rigat ora , liquor.*

Lacrymæ Lusitanorum Planctus VI.



ECLOGA

TRAGICO-PASTORIL

*Fozino, Silvio, Anfrizo, Gil, Mirene,
Marcia, e Albina.*

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

DAs Messes, e igualmente dos Ceifeiros
Solitarios os Campos, e os Outeiros
Já se viaõ: Deserta era a Campina;
Porque os premios de Ceres, que a domina
Tinha já nos Celeiros resguardado
Do Lavrador o provido cuidado:
A calmosa estaçaõ já se acabava,
E a do invernofo Outono começava:
A huma tarde do qual, em que zunia
Por entre a cavernosa penedia,
E pelos fundos Vales, e os Outeiros
Abalando os Carvalhos, e os Salgeiros
O vento rugidor; e aos Ceos se erguiaõ
Densas nuvens de pó, que nos cubriaõ:
Em que os ternos alegres passarinhos,
Que soltar costumavaõ dos raminhos
Canticos de ternura com excéssõ,
Encrespados voavaõ de remesso;
E rugindo do prado ao som dos rios
Espalhavaõ nos ares tristes pios:
A tarde taõ funesta, e desditoza
Triste noite succede tenebrosa:
△ Conforte de Erebo tremebundo

Ex começa a vestir de negro o Mundo :
 De Phœbe o resplendor , que mal se via
 Negra nuve ora o mostra , ora o cubria :
 Das Aves agoureiras
 Por entre as pedregosas ribanceiras
 A voz ameaçadora de pezares
 Perturba os densos , enlutados ares :
 Averde-negra Rãa , que afflige a gente
 No charco immundo em berro impertinente,
 Não deixa o canto rouco de afflicção,
 Augmenta a mais , e mais a confusão :
 Das ondas do Pai Téjo embravecido
 Ressoava nos montes o estalido :
 Balava o manso , descontente gado ;
 Porque entre espessos matos embrenhado
 Sem rafeiros , sem guarda , nem Pastores
 Eraõ prezas dos Lobos tragadores :
 O Trovaõ pavoroso , que poem medo
 Estalava no concavo rochedo :
 Da Lua não : a noite se alumia
 * C'os rayos em que o Pólo todo ardia :
 Por fim : a Campina , o Téjo , a Aspereza
 Tudo era confusão , horror , tristeza :
 Os tímidos Pastores ,
 Que viaõ a Campina em taes horrores ,
 A's portas das Cabanas mal chegavaõ ,
 Os tristes olhos para os Ceos alçavaõ :
 E as Pastoras , que a luz do rayo olharaõ
 * Aos peitos os filhinhos apertaraõ :
 Da noite tenebrosa
 Socega em parte a furia tormentosa :
 E os Pastores , que ouviaõ pelos prados
 Os balidos de seus errantes gados ,
 Sahiraõ a ajuntalos diligentes
 Por temerem do Lobo avidos dentes :

Para este fim estavaõ na Campina
Mirene , Anfrizo, Silvio, Marcia, Albina :
Quando nisto , de susto supprimidos
Ficáraõ , ao escutar tristes gemidos ,
Que dentre fundo valle re-soavaõ :
Todos para escutalos se apressavaõ
Por ver de que naõcia tal clamor ;
Porém logo encontrátaõ Gil Pastor ,
Que descendo do valle a alta ladeira
Aos Pastores fallou desta maneira :

G I L.

Ternissimos Zagaes compadecidos
Da triste voz, e tremulos gemidos
Desse , que chora algum fatal destino ,
Sabei que Braz me disse que he Jozino ,
O filho de Silvano ,
Que na Cidade, havia mais de hum anno ,
Aprendia os estudos , oh Bondade !
Que gratuitos se daõ á mocidade :
Que chegando a esta Aldea , inda ha mui pouco ,
Fugindo dos Pastores como louco ,
Embrenhando-se nos espéssos matos ,
A rojando o Curraõ , rompendo os fatos ,
Quebrando a frauta , maltratando a cara
O motivo do pranto naõ contara.
Assim que tal ouvi sobressaltado ,
Sem buscar a vareda , nem trilhado ,
Saltando valles , por despenhadeiros ,
Rompendo balsas , atrepando outeiros ,
Ora paro a escutar , ora a carreira ,
Atné que vim sahir a esta ladeira :
Ajudai-me , oh Pastores !
Vamos ver de que nascem seus clamores :
Vê tu , Anfrizo , se lhe dás concelho ;
Elle te preza alsás por seres velho :

E se o deixas em tanta desventura,
Só morto o levaremos da espessura.

Seguem do triste o ecco; e em fim chegáraõ;
Porém romper o sitio não ouzáraõ.
Era o lugar de taõ fataes horrores
Que nunca vio do Sol os resplandores,
Cuberto de medonhos arvoredos,
E dentre horridas bocas de huns rochedos
Rebentavaõ limofas, verdes agoas,
Morada propria da tristeza, e magoas.
Neste pavido sitio reclinado
Sobre hu' tronco, o cabello desgrenhado,
Morta do rosto a graça, e a alegria,
Imagem da fatal melancolia,
Jozino ahi queixava seus pezares,
Suspiros exalando aos furdos ares.
Os Pastores, que ao bosque eraõ chegados
Paráraõ a escutar seus ternos brados.

7 O Z I N O.

Jozefino! Meu caro Jozefino!

Quem te roubou do teu fiel Jozino? . . .

Aonde o chamarei que não se esconda?

Que ao meu triste gemido inda responda? . . .

Mas ah! Que aos Ceos partiste,

E deixaste Jozino afflicto, e triste . . .

* Repoufa lá no Ceo eternamente;

Inda q' eu chore afflicto, e descontente:

Recebe da Suprema, Alta Bondade

Os premios da Virtude, e Caridade,

Que as tuas mãos excelfas espalhavaõ

Pelos Miseros, que a ellas se acoutavaõ:

O teu plausivel Rosto,

Que a todos infundia paz, e gosto

Ache, desta virtude em recompensa,

Affavel do Senhor a Alta Presença:

(7)

Os Pastores, que os eccos escutavaõ
Os gestos huns dos outros reparavaõ :
The que Gil, entre lagrimas ardentes,
Assim falla aos Pastores innocentes:

G I L.

Ah miseros de nós! Ah caro Anfrizo!
Que horrendos males vir a nós divizo!
Se he certo o que eu supponho,
Desgosto insupportavel vos proponho:
Da nossa Mayoral o Filho amado,
O Gram Pastor . . . Oh Ceos! . . . Sou desgraçado!
Eu julgo, que por nossa infauista sorte,
Rendeo a amavel vida á fria morte,
E quem será o grande Jozefino,
(Se attender-mos ás vozes de Jozino)
Em quem resplandecia a caridade?
Onde a summa Alegria? Onde a Bondade?
Se assim he, como penso, não o estranho;
Que coração tamanho,
Não cabendo no mundo, perciso era
Que voa-se a occupar a azul Esféra.
Antes que faça em nós maior progresso
O temor, que a certeza, este successo
Deste Pastor afflicto vou saber:
Vou conforto buscar, ou vou morrer.

Com as mãos ante os olhos vaõ rompendo
(Para os lados os ramos retrocendo)
O confuzo arvoredo emaranhado :
Tinhaõ, por fim, chegado
Aché ao cavernoso centro, escuro
Do escabroso penhasco, informe, e duro;
E ao Pastor, a quem turba magoa forte
Principiaõ fallando desta sorte:

G I L.

Salve-te, ó Pastor triste, o Ceo sagrado.

A iv

J O Z I N O.

De mim que pertendeis ? De hu' desgraçado ?
Porque pizaes, como eu, estes horrores ?
Já patentes vos são meus dissabores ?
Vindes chorar a vossa desventura ?
Já tocasteis o centro á amargura ?

G I L.

Inda a força do rayo nos não mata,
Assombra nos a dôr, que te maltrata :
Presago o coração me diz, amigo,
Da nossa Mayoral, que teve prigo
O caro, amavel Filho . . . Mas tu calas ?
Suspiras ? . . . Choras ? . . . Tristes ays exalas ? . . .
Não to predi-se eu, prudente Anfrizo ?
Ah Jozino ! Se livre o teu juizo
Discorre-se da dor, que te dá fragoa
Repartiras comnosco a tua magoa :
A todos dessa dor nos toca parte,
Comnosco a infausta dor fiel reparte.

J O Z I N O.

Aparta-te de mim, ó sentimento,
Vai ferir, vai ferir por hu' momento
Com igual sétta o peito a estes Pastores,
E meu pranto acharáõ menor, que as dores.
Presta-me, ó Ceo, a tanta dor reparo :
Dai a tremula lingua algum amparo.
Vaga não foi, ó Gil, a tua idéa.
Morreo . . . Sim : das Campinas da Ulysséa
As Delicias, o Amparo, o Gram Pastor,
O nosso amavel Pai, o Bemfeitor,
O Sábio, o agradavel Jozefino.

M I R E N E.

Oh magoa !

A L B I N A.

Oh ancia !

M A R C I A.

Oh dor !

A N-

S
I

A N F R I Z O.

Cruel Destino!

Z O Z I N O.

A sua alma gentil, candida, e nobre,
 Incansavel em socorrer ao Pobre,
 Para o Reino vo-ou do Desengano:
 Deixou o corpo nobre; mas humano:
 O seu gesto, que affavel nos mostrava,
 Sua maõ liberal, que se esmerava
 Em valer, a quem della se valia,
 Jaz debaixo da Campa horrenda, e fria.
 Aquelle coração, que cento a cento,
 Bem como lá no Ethéreo Firmamento
 Reluzem as estrellas,
 Luziaõ nelle mil virtudes bellas,
 Chamou-o o justo Ceo; pois lhe quiz cedo
 Pagar o bem, que fez neste degredo.
 Ah Pastores! Eu tenho confiança
 Que sua alma gentil em Paz descansa;
 Que vida taõ Christãa, taõ Heroína
 Nos devemos julgar . . . Mas tu Albina
 Choras? Suspiras? Vertes ays a pares?
 Taõ bem te cercaõ lugubres pezares?
 E tu Marcia igualmente, e os mais Pastores
 Já provaes meus infaustos dissabores?
 Poupa-me nova dor vosso transporte:
 Oh geral! Oh sensivel, duro corte!
 Eu julgando-vos fortes pertendia
 Contarvos a agonia,
 O dissabor, a magoa, a saudade
 Da tunebre, afflictissima Cidade:
 Enganei-me: Sois ternos: Foi em vaõ;
 Naõ tendes corações de Tigre: Naõ.

A L B I N A.

Ah! conta: Conta a lastimosa Scena;

Naõ

Naõ me poupes a dor, a magoa, a pena :
Fere-me o coração : Aqui ' stá dentro ,
Carrega as impias séttas the ao centro.

M A R C I A .

Conta, fim : e verás que a triste historia
Me ficará eterna na memoria.

Augmentai as correntes ao meu rosto ,
Se he que póde aumentar-se o meu desgosto.

S I L V I O .

Engana-se quem diz que o sentimento
Tem forças de matar : eu exprimento
Que se a pena , a mais grave , em fim matára
Este ar, que inda me anima me faltára.

G I L .

Tu, ó douto Jozino ,
Que defrente de nós tens outro ensino ,
Expoem as nossas magoas sem remedio
Sirva lhe o nosso pranto de Epicedio.

ƒ O Z I N O .

Apenas a doença pestilente
(Que eu falle hum breve espaço , ó dor, consente)
'Tinha assaltado o terno Coração
Do nosso Gram Pastor . . . Que impia afflicção !
Que tristeza, e desgosto
Se lia já no descontente rosto
Do Grande, e do Pequeno ! Rico, e Pobre !
Que acerba mágoa os corações lhes cobre !
Mas athé que impio gráo de desventura
Nos submergiste, oh tarde de amargura !
Oh tarde causadora de desmaios !
Tarde, a quem, the o Sol negou seus rayos !
Tarde, em que a acerba Morte
Nosso Bem nos deslupa de hu' só corte !
Eu vejo a toda a parte Descontentes,
Pallidos rostos, lagrimas ardentes,

Qual

Qual insensato , qual da dor movido
Exclamar contra a Morte enfurecido:
„ E te atreves , mirrada mão da Morte ,
„ A alçar a foice ? a dar o infauso corte
„ Numa vida taõ bella ? Ceo piedosos !
„ E deixas livres cá tantos maldosos ,
„ Que infestaõ as Aldeas , e a Cidade ?
„ As leis assim quebrantas da Equidade ?
Mas logo a si tornando ,
Sem como de hu' lethargo despertando ,
As lagrimas nos olhos supprimindo ,
Sobre os cruzados braços descachando
A languida cabeça , assim dizia :
„ A teu arbitrio , ó Morte horrenda , e fria ,
„ Tu naõ moves a foice : Hum Poder Forte ,
„ Sabio , e Recto te manda dar o córte :
„ Os Occultos Juizos , o Destino
„ Adoremos do Ceo Justo , e Divino :
„ Saõ Justos seus Decretos , sempre Equaveis ;
„ Posto que a nossos olhos inscrutaveis.
De todos geralmente os corações
'Trásbordaõ de afflicções :
Dos nossos Mayoraes . . . Oh dor terrivel !
Que ancia taõ sensivel !
Que penas ! Que desgostos ! Que afflicções
Lhes combatem os ternos corações !
Que magoa taõ crescida
Foi a do ultimo transe , e despedida !
Para o naõ verem mais , oh agonía !
Foi descansar na Campa horrenda , e fria :
Nunca já mais veremos , que desgosto !
O seu lindo , plausivel , grato Rosto :
Morreo . . . Deixou a nossa companhia . . .
O triste som dos Sinos , que zunia ,
Os gemidos de tantos consternados ,

Os tiros, que re-soaõ compassados,
Os Navios bandeiras apanhadas,
O Militar as armas reviradas,
O ruco som das caixas . . . Impia forte!
Movia o coração mais duro, e forte . . .
Ah! Não mais me aviveis a dor funesta . . .
Já sabeis minha dor: amagoa he esta:
Dor, que exprimenta a minha desventura;
Que hirá morar comigo à sepultura.

A N F R I Z O.

Pastor taõ justamente magoado,
De aguda sétta o peito me has passado,
Que posto eu seja rude
Da ternura taõ bem sinto a virtude:
He justo nosso pranto, e sentimento;
Mas he justo taõ bem o soffrimento:
Justa a resignação com a vontade
Da Sábia, da Suprema Divindade:
Mil vezes te hei ouvido estas rezões:
„ Tem o Sábio dominio nas paixões:
Se he certa esta rezaõ, prudente, e boa
(Vê que eu gemo da dor, que te magõa)
Devemos reprimir nossa afflicção,
Castigo, e premios da Divina Mão
Aceitar, nos devemos, resignados:
Os Máos são os que devem ser chorados;
Do nosso Gram Pastor
As virtudes, de que era possuidor
Nos daõ fixa esperança
Que a Paz do Justo Ceo goza, e descança:
Do nosso Bom Pastor taõ suspirado
Temos no Caro Irmaõ vivo Traslado:
O mesmo sangue lhe circula as veas,
Da caridade santa iguaes idéas
O seguem: Digaõ-no por toda a parte

Os muitos , com quem tantos bens reparte ;
O Justo Ceo lhe anime o coração
Neste golpe cruento de afflicção,
E nos conserve Vida tão amavel
Quão preciza nos he , quanto estimavel.

Z O Z I N O.

Tuas rezões prudentes , caro Anfrizo.
Essa sábia Doutrina , e saõ Juizo
Me deixa conhecer bem claramente
Que naõ pratea o Ceo em vão a frente.
Só dos annos a longa experiencia
He que póde ensinar leis de prudencia :
Aos teus preceitos ex-me resuluto,
E da sábia lição seja este o fruto.

A N F R I Z O.

Pois , afflictos Pastores ,
Fujamos dos horrores ,
Que nos offrece o sitio pavoroso :
Cada vez mais escuro , e tenebrozo
O ar descubro , nem desta noite fria
As trévas haõ ceder sem vir o dia :
O manso , errante gado ,
Que nos Montes balando desgarrado
Vaga triste , tornemos a ajuntar :
Nas pobres Choças vamos repoufisar :
Vamos , em fim , rogar aos Ceos piedosos
Que deem consolo a tantos desditosos ;
Que aos Nossos Mayoraes conserve as Vidas ,
E magoas lhe aliviem taõ crescidas.

A Filha de Titan seu rosto lindo
Vinha mui pouco a pouco descobrindo :
Os Pastores o gado , que podéraõ ,
Ajuntáraõ : Por fim se recolheraõ.

F I M.

S O-

S O N E T O.

MOrreo aquelle Princepe , que dava
Esperanças de Rey o mais completo :
Morreo para constar ao nosso affecto
Que só o ser eterno lhe faltava :

A tempo , que vivia , e que mostrava
Ser Magnanimo , Pio , Sabio , Recto
Foi de Justo gozar digno Epiteto
Noutro Reino melhor , que o que deixava.

He a immensa extençaõ do Ceo jucundo
Para os grandes Heróes do Christianismo
Cujas almas lugar não tem no mundo :

JOZE' affombro foi do santo Heroismo ,
Da Eternidade o invoca o Ser Profundo
Da maneira que abismo invoca abismo.

S O N E T O.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Nasceu JOZE' dos Póvos applaudido,
Hoje expira dos mesmos lamentado:
Foi Principe de Lyfia suspirado,
Cadaver he a cinzas reduzido:

Nas virtudes apenas foi nutrido,
Jaz no Túmulo triste sepultado:
A Morte fez que fosse á terra dado,
O vivente, que foi aos Ceos pedido.

Naõ chegou a Reinar; que menos era
Monarca possuir inteiro o Mundo;
Do que Justo elevar-se a summa Esféra.

O Ceo foi seu Cunabulo jocundo:
Vio que a Vida he Desterro, e o Ser Quiméra,
Para a Patria passou de que era Oriundo. -



S O N E T O

Filho perde a Rainha: Irmão o Infante:
A Princeza o Sobrinho seu Conforte:
Ao Príncipe, que amava, perde a Corte:
Perde o Rey, que esperava, o Povo amante:

A falta as Letras sentem de hum Gigante,
E não menos as Armas de hum Mavorte:
O Commercio da sua feliz forte,
As Virtudes a sentem de hum Athlante.

Tal foi o Heróe, que a Parca presumida
Da Coroa prostrar, a Palma, o Sceptro
Conseguio despojar da humana Vida.

JOZE', a quem de Apollo canta o plectro,
E canta a viva Fama engrandecida
He a quem Lyfia chora no Feretro.

O Autor detesta, e quer se entenda como não dito tudo aquillo em que se apartar da Verdadeira, Sábia Doutrina da Santa Igreja Romana, e Douto Parecer de tão Judiciosa, e Real Curia. Confessa por mentirosas, e falças todas as Divindades Gentilicas, de que usa meramente para adorno, e composição da Obra.